

Aliança diverge sobre se Sarney deve ir à palanque

12 MAR 1986

BRASÍLIA — “Com o apoio de São João ou de São Pedro ou de São José Sarney, qualquer candidato se tornará invencível nas eleições de novembro”, profetiza o Líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, que hoje deverá ouvir do próprio Presidente se ele participará da campanha eleitoral, oferecendo apoio ostensivo aos candidatos da Aliança Democrática.

A resposta do Presidente é previsível, porque durante a reunião do Conselho Político hoje, o Líder do PFL na Câmara, José Lourenço, interpretando dúvidas de correligionários, que a essa altura montam seus calendários da campanha, indagará se o Presidente subirá nos palanques.

É possível que o Presidente repita o que respondeu quinta-feira a uma repórter que o abordou na Base Aérea de Brasília, quando ele voltava do primeiro grande encontro com o povo (em Salvador, Petrolina e Juazeiro) após a edição do programa Inflação Zero. “De maneira alguma”, respondeu o Presidente. Outro jornalista insistiu: “Nem no Maranhão, Presidente?”. “Sobretudo no Maranhão”, sintetizou Sarney.

Na reunião de hoje estará um conselheiro que, se for ouvido, opinará contra o envolvimento do Presidente nas disputas eleitorais de novembro. É o Chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, que enumera atribuições do Presidente, tais como garantia de liberdade para os eleitores, comando da ordem pública e da mobilização do contingente eleitoral, como funções incompatíveis com o exercício da liderança de partidos ou facções.

Com Maciel, não concorda o Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves.

— No regime presidencial — observa Aureliano — o Presidente é também o chefe político. Ele tem, portanto, deveres para com os seus liderados que incluem a luta pela eleição deles. Embora esteja impedido de acionar a máquina administrativa para ajudar candidatos, o Presidente não é proibido de tomar o partido dos seus correligionários.

Mineiro como Aureliano, o Líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, emite parecer semelhante ao do Ministro:

— O Presidente não pode ficar au-

sente de uma eleição para a Constituinte. Espero que ele declare que a regra será não participar, mas torço para que, em alguns Estados, escolhidos a critério próprio, ele faça campanha.

Atento a exemplos da História, o Ministro Marco Maciel cita Eurico Dutra e Juscelino Kubitschek como Presidentes de período democráticos, que presidiram eleições sem se envolver em disputas. Maciel aceita que Sarney torça pelo desempenho dos candidatos dos seus partidos e que os Ministros de Estado, esses sim, façam campanhas para seus correligionários.

Assessores garantem que o Presidente não quer se envolver com questões regionais para manter imagem

Apesar das pressões do PMDB e do PFL, os assessores mais próximos garantem que o Presidente José Sarney não vai participar da campanha eleitoral deste ano em qualquer Estado, mesmo onde os dois partidos da Aliança Democrática disputem em coligação. Segundo eles, o Presidente quer se manter distante do varejo da política regional, pois seu sonho é ser o Presidente da transição democrática, que passará o cargo a um sucessor eleito pelo voto direto, deixando uma obra que entre para a história.

— Não faz sentido — diz um dos assessores — o Presidente desgastar sua autoridade e sua liderança em disputas onde, em geral, estão em jogo interesses puramente de grupo. Ele é, no momento, o grande líder nacional, está realizando um Governo que devolve a consciência de cidadania ao povo brasileiro. O seu projeto é fazer com que a reforma econômica dê certo. Considero até impatriótico que se levante essa possibilidade, de envolver o Presidente nisso. Ele será o árbitro da Constituinte.

— Afinal, o Presidente é o grande eleitor do País agora. As últimas viagens dele mostram isso — diz um assessor do Gabinete Civil.